

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário da Tarde (M. G.) Class.: 203

Data: 24 de fevereiro de 1989 Pg.: _____

190

Chega de genocídios

A **CONCENTRAÇÃO** de tribos indígenas em Altamira, na discussão sobre como preservar o seu habitat, mostra como é penoso conciliar a Natureza e o desenvolvimento. Mas, em meio a tantos interesses em debate, persiste a presença da imprensa internacional, olhos e ouvidos do mundo, tornando o Brasil foco de um acontecimento no mínimo emocionante.

AFINAL, as tribos que agora lutam contra a extinção de sua identidade cultural habitam uma das mais ricas regiões do Planeta. Não são apenas as grandes empresas que trabalham para garantir a posse de extensas áreas onde é comprovada a existência de minerais os mais preciosos. Há, ainda, hordas de garimpeiros, homens em busca de fortuna rápida e para quem as nações indígenas são simplesmente um obstáculo.

A **PRIMEIRA** vista, pode parecer ao leitor mal informado que tal situação decorre da inércia de nossas autoridades. Não é bem assim. A verdade é que a história sempre se repete. Se é verdade que a questão indígena nunca foi considerada como primordial até um passado recente, também é fato que nossos índios contam, agora, com o apoio de toda a comunidade internacional.

E **QUANDO** se fala na repetição de fatos históricos, como a questão que se relaciona com índios, somos obrigados a relembrar o que ocorreu com os índios das Américas. Foram vítimas de um

dos mais cruéis genocídios de que se tem notícia. Nos Estados Unidos, tivemos um general Custer, hoje herói de filmes de qualidade inferior, que tinha como tática a invasão de acampamentos quando os guerreiros encontravam-se ausentes, caçando, para trucidar, mulheres, velhos e crianças.

MAS, ironia das ironias, quando Custer teve pela frente um guerreiro como Touro Sentado, a derrota veio inapelável. Só que o chefe índio, que via seu povo ser implacavelmente dizimado, passou a ser então acusado de massacre. De pouco valeu-lhe o refúgio no Canadá. Obrigado a retornar aos Estados Unidos, e confinado numa reserva, ali acabou sendo assassinado pelas costas e sem motivos, a exemplo de outro chefe índio jamais vencido em sete anos de combates com o Exército americano, Cavalo Louco.

NOSSOS índios da região Norte sofreram, certamente, perdas de terras. Muitas tribos foram dizimadas. Mas o próprio isolamento da região concorreu, também, para preservação de muitos. E agora têm a acompanhá-los em seus movimentos reivindicatórios a imprensa de todo o mundo. Coisa que aliás faltou nos Estados Unidos, onde os chefes do Exército faziam-se acompanhar de jornalistas despreparados, mais interessados em entoar loas aos feitos de homens armados de fuzis a matarem pobres diabos, que tinham como única defesa flechas. E no Brasil de Portugal, também. E na América espanhola.

OS TEMPÓS, portanto, são outros. E o que se espera é que os direitos de tantas tribos, que sobreviveram sabe-se lá como a tantas perseguições, sejam enfim preservados. Nunca é demais lembrar que mesmo em Minas, nos anos vinte, concedeu Arthur Bernardes uma reserva a uma tribo. Mas o tempo e os interesses colaboraram para a mutilação da área, num processo onde o Direito foi apenas uma arma para a extorsão.

É, ENFIM, chegado o tempo de colocar um basta ao genocídio. Resta saber como conciliar tantos interesses em jogo. Mas isso é possível, desde que nossas autoridades levem em conta que não se pode, e não se deve, tripudiar sobre os mais fracos. É tarefa difícil, pois envolve grandes interesses materiais. Mas não é e não será impossível, desde que seja o assunto tratado com a devida seriedade. E mais: que o governo, principalmente o Itamaraty, tome consciência da posição hipócrita, falsa, ridícula, que assumiu diante do "apartheid" praticado pela África do Sul — que não é nem chega perto de ser o genocídio que praticamos e que ainda continuamos a praticar. Deixar que a população indígena seja dizimada — o que ainda sobrou dos massacres anteriores — e condenar, com arrogância, os que discriminam, separam, destinam territórios próprios, autônomos, independentes, para os nativos, é atitude que não nos pode trazer nenhum sentimento de orgulho.